



XVI CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA

1,2,3 SETEMBRO 2021
UNIVERSIDADE DO MINHO
CAMPUS DE GUALTAR / BRAGA

*“ensinar exige
alegría e esperanza”*

Paulo Freire



ATAS DO XVI CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA

Organizadores

Bento D. Silva, Leandro S. Almeida,
Alfonso Barca, Manuel Peralbo, Regina Alves

Novembro 2021



Universidade do Minho
Instituto de Educação



UNIVERSIDADE DA CORUÑA



ASOCIACIÓN CIENTÍFICA
INTERNACIONAL DE
PSICOPEDAGOGÍA

Ficha técnica

Título

Atas do XVI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia

Organizadores

Bento D. Silva; Leandro S. Almeida; Alfonso Barca; Manuel Peralbo; & Regina Alves

Editor

Universidade do Minho. Instituto de Educação. Centro de Investigação em Educação

Universidade Minho

4710-057 Braga



Suporte: Eletrónico

Design

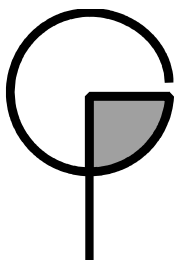
ANACMYK

anacmyk@gmail.com

ISBN

978-989-8525-71-0

Novembro 2021



XVI CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA

1, 2 e 3 de setembro de 2021, UMinho, Braga, Portugal

ATAS

Associação Científica Internacional de Psicopedagogia (ACIP)
Universidade da Corunha, Universidade do Minho

Da articulação curricular às perspetivas dos estudantes

From curricular articulation to students' perspectives

Ana Raquel Aguiar (<https://orcid.org/0000-0002-1549-8943>)*, Fátima
Fernandes(<https://orcid.org/0000-0002-3913-6939>) *

*Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Escola Superior de Educação

Resumo

O presente texto é resultado de uma experiência realizada com alunos do 3.º ano da Licenciatura em Educação Básica de uma Escola Superior de Educação de um Instituto Politécnico do Norte de Portugal, no segundo semestre do ano letivo de 2019/2020. Nesse período, realizou-se a Articulação Curricular entre duas unidades curriculares: uma do âmbito das Didáticas, mais concretamente a Didática do Português, e outra com características de estágio – Iniciação à Prática Profissional 3. Foi feita pesquisa sobre os fundamentos da Articulação Curricular e as suas implicações no processo de ensino e aprendizagem, em geral, e sobre as recomendações das políticas educativas em vigor em Portugal. Trata-se de uma primeira experiência nesta unidade curricular, tanto para os estudantes como para os docentes, apresentando, por isso, um carácter exploratório. Os resultados finais revelam que a Articulação Curricular é vista de forma muito positiva pelos estudantes, que destacam a mais valia da realização de tarefas, de momentos avaliativos e reflexivos comuns. Consideram, ainda, ter mobilizado conhecimentos, capacidades e competências relevantes para as duas unidades curriculares. Salientam, igualmente, a utilização de determinados recursos que, construídos no âmbito de uma unidade curricular, são (re)adaptados à luz da outra, o que possibilita processos de reorganização constantes, tão significativos para futuros profissionais da educação. Do mesmo modo, apontam o desenvolvimento de aprendizagens significativas e que contribuem para a construção de saberes que reconhecem como fundamentais. Além disso, consideram a articulação desejável, por lhes permitir experienciar situações modelares que podem ser mobilizadas para as suas práticas futuras.

Palavras-chave: articulação curricular; interdisciplinaridade; formação inicial de professores; prática colaborativa docente; representações dos estudantes.

Abstract

The present text results of an experience with the 3rd year students of the Degree in Basic Education of a School of Education of a Polytechnic Institute of Northern Portugal, in the second semester of the academic year 2019/2020. In this period, the Curricular Articulation between two subjects was carried out: one of Didactics, more specifically Didactics of Portuguese, and another with internship characteristics - Initiation to Professional Practice 3. The research was organised on the foundations of Curricular Articulation and the implications in the teaching and learning process, in general, and on the recommendations of the educational policies in force in Portugal. This is a first experience in these subjects, both for students and teachers, and therefore has an exploratory character. The final results reveal that the Curricular Articulation is seen in a very positive way by the students, who highlight the added value of the tasks, of the common evaluation and reflection moments. They also consider that they have mobilized knowledge, abilities and competences relevant for both subjects. They also highlight the use of certain resources which, built within the scope of one subject, are (re)adapted to the other, which enables constant processes of reorganisation, so significant for future education professionals. In the same way, they point out the development of significant learning and that contributes to the construction of knowledge that they consider fundamental. In addition, they consider the articulation desirable, as it allows them to experience model situations that can be mobilized for their future practices.

Keywords: curricular articulation; interdisciplinarity; initial teacher education; collaborative teaching practice; students' representations.

A Articulação Curricular (AC) tem sido entendida como uma prática essencial na aprendizagem dos alunos, trazendo contributos para uma utilização holística do saber, concretizada através da interligação de conteúdos que, em vez de se repetirem de forma descontextualizada, se associam de modo a tornar o conhecimento relevante.

Considerou-se pertinente concretizar esta experiência num curso de formação inicial de professores (FIP), uma vez que se acredita que o percurso formativo destes estudantes influenciará as suas práticas docentes no futuro. Procurou-se encontrar pontos de contacto entre duas UC - uma do âmbito das Didáticas, mais concretamente a Didática do Português (DP), e outra com características de estágio – Iniciação à Prática Profissional 3 (IPP3), tendo em consideração os objetivos gerais do ciclo de estudos, com o propósito de levar os estudantes a mobilizar quer conteúdos transversais quer competências a desenvolver no âmbito deste processo formativo e de aprendizagem.

Urge, portanto, clarificar o conceito de AC e os seus fundamentos, colocando-o em diálogo com outros conceitos fundamentais para esta discussão, nomeadamente inovação e mudança educativa, não esquecendo o de diferenciação e autonomia, uma vez que todo o percurso aqui descrito foi pautado por um desenvolvimento curricular diferenciado e autónomo no que diz respeito à articulação disciplinar.

As considerações teóricas a seguir apresentadas baseiam-se na assunção de que a AC se enquadra claramente nas políticas curriculares de referência, nos processos de mudança e nos desafios que se impõem às instituições educativas, trazendo práticas inovadoras e respostas educativas mais qualificadas promotoras de aprendizagens sólidas e com sentido para os estudantes. É neste enquadramento que se valoriza, de igual modo, o protagonismo docente no trabalho curricular, desenvolvido de forma colaborativa, e a inovação educativa decorrente, uma vez que todas as práticas são constantemente (re)pensadas em função do contexto e dos estudantes (Morgado & Silva, 2018). Assim, plenamente conscientes das implicações da AC no processo de ensino-aprendizagem, é fundamental analisar o seu papel na FIP.

Partindo do anteriormente exposto, o texto estrutura-se, inicialmente, em dois pontos de reflexão: i) Das políticas educativas aos fundamentos da Articulação Curricular; ii) A Articulação Curricular na Formação Inicial de Professores: a importância da integração interdisciplinar. Num segundo momento, apresenta-se a metodologia, um estudo de carácter exploratório, por ser um

desafio que envolveu, pela primeira vez, quer os docentes quer os estudantes das UC em questão; a descrição da experiência formativa; os resultados e as conclusões.

Das políticas educativas aos fundamentos da Articulação Curricular

Atualmente, é inegável a importância que a AC assume no processo de ensino-aprendizagem, o que está visivelmente espelhado nas políticas educativas em vigor em Portugal.

De facto, o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC), publicado no Despacho n.º 5908/2017, é estimulador da AC, destacando os domínios da autonomia curricular como

áreas de confluência de trabalho interdisciplinar e ou de articulação curricular, integradas na matriz curricular-base de uma oferta educativa e formativa, em resultado do exercício de gestão local de flexibilidade inscrito por cada escola nos instrumentos de planeamento curricular. (Artigo 2.º, alínea f, despacho n.º 5908/2017, p.13882)

Na mesma linha de entendimento, o Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, que estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens, valoriza o trabalho interdisciplinar e cooperativo, associado à flexibilização na gestão curricular, promotor de aprendizagens significativas.

Assim, uma análise pormenorizada destes documentos permite perceber os fundamentos da AC, com implicações inevitáveis no processo de ensino-aprendizagem e nas práticas dentro da sala de aula, mostrando que os professores são também profissionais do currículo e promotores de mudança.

A AC assenta, indubitavelmente, numa conceção dinâmica de currículo. De facto, as políticas educativas atuais preconizam a importância da relevância curricular, desvalorizando um currículo baseado apenas em conhecimentos, conteúdos e verdades absolutas (Morgado & Silva, 2018). O carácter dinâmico assumido pelo conhecimento atual implica a necessária valorização do processo em detrimento do produto, colocando o aluno numa posição de protagonismo, na medida em que deve assumir uma perspetiva crítica desse mesmo conhecimento e contribuir, de forma constante, para a sua (re)construção, partilhando esta tarefa com o professor numa construção partilhada de saberes (Moreira, 2000; Alonso, 2001; Beane, 2002). Propomos, corroborando Morgado e Silva (2018), um afastamento da visão curricular tradicional, valorizadora da exposição e da memorização, e a sua substituição por uma perspetiva integradora, assente num processo

educativo centrado no aluno, (co)construtor do conhecimento e mobilizador não só de conhecimentos, mas também de capacidades, competências e valores (re)adaptados constantemente quer aos contextos (Paro, 2011) quer ao processo contínuo de mudança. É precisamente nesta linha de análise que defendemos a AC

como uma teoria da concepção curricular que está preocupada em aumentar as possibilidades da integração pessoal e social através da organização de um currículo à volta de problemas e de questões significativas, identificadas de forma colaborativa pelos educadores e jovens, independentemente das linhas de demarcação das disciplinas. (Beane, 2002, p. 30)

Na verdade, não podemos ignorar a incerteza que caracteriza as sociedades contemporâneas e, face a esta imprevisibilidade, há uma preocupação no sentido de as instituições educativas contribuírem para a formação de cidadãos com uma visão crítica e que sejam capazes de mobilizar os seus conhecimentos em prol do desenvolvimento social.

Assumimos, portanto, que, para fazer face a esta desafio, impõe-se a AC, já que a entendemos na perspectiva de Felício e Alonso (2016) como uma “orientação capaz de responder às exigências formativas apresentadas pela sociedade contemporânea, marcadas pela complexidade, provisoriedade e diversidade do conhecimento” (p. 18).

Assente nestes pressupostos, estaremos, certamente, perante um currículo promotor de aprendizagens significativas, pois,

quando o currículo oferece um sentido de objetivo, unidade, relevância e pertinência – quando é coerente –, é mais provável que os jovens integrem as experiências educacionais nos seus esquemas cognitivos, o que, por seu lado, amplia e aprofunda o conhecimento de si próprios e do mundo. (Beane, 2002, p. 43)

Leite (2012) corrobora a ideia de que a AC impulsiona aprendizagens significativas, uma vez que os alunos têm um acesso mais facilitado ao conhecimento e, simultaneamente, pode promover-se mais facilmente a relação entre essas aprendizagens e o contexto social e familiar dos alunos.

Um outro fundamento relaciona-se com a forma como se concretiza o trabalho docente e o modo como se mobiliza a sua intervenção escolar e educativa. Entendemos, assim, na esteira de Morgado e Silva (2018), o professor como um gestor do trabalho curricular, impulsionador de conhecimentos e reconhecedor das experiências de vida dos estudantes, não esquecendo nem as

suas necessidades nem as especificidades do contexto. Além disso, toma-se como fundamental o trabalho colaborativo docente (Roldão, 2009), como estratégia face ao relevo da transversalidade de saberes (Morgado & Tomaz, 2009), em detrimento de uma conceção curricular estanque, crendo que a dimensão cooperativa “supera o isolamento e o individualismo que marcam a atividade docente, para evoluir na direção do entendimento da escola enquanto unidade institucional colegial.” (Felicio & Alonso, 2016, p. 29). Vai-se, portanto, mais longe, propondo-se tarefas de planificação e docência conjuntas (Lima, 2001; Roldão, 2007), uma vez que “com a especificidade de cada um dos seus membros, favorecem leituras e interpretações mais rigorosas das situações do que se elas ocorrerem baseadas apenas em conhecimentos monodisciplinares” (Leite, 2012, p. 89). Como defendemos anteriormente, este trabalho de colaboração implica dialogar, refletir sobre o trabalho dos alunos, partilhar materiais curriculares e práticas avaliativas (Aguiar & Fernandes, 2021, p. 16).

Destacamos, também, a inovação educativa, uma vez que o professor, mais uma vez, tem de demonstrar capacidade de ajustar o currículo e a sua própria atuação docente à diversidade dos discentes e às suas realidades, tendo sempre como alvo a melhoria significativa das aprendizagens. Inovar passa, também, por uma diversificação das temáticas e das metodologias, que se pretendem sempre (re)ajustadas à realidade do público educativo. Aliás, corroboramos a perspetiva de Morgado e Silva (2018), que defendem que um currículo que integra as experiências e saberes prévios dos alunos é altamente motivador, impulsionando novas aprendizagens e contribuindo para uma autoimagem positiva. Acreditamos, então, estarem reunidas as condições que facilitam a tomada de medidas personalizadas e adequadas às especificidades do grupo discente (Leite et al., 2011).

Finalmente, urge combater a fragmentação e o espartilhamento curricular, apostando-se na interligação de saberes de diferentes áreas, contribuindo para conhecimentos integrados, contextualizados e articulados, com base numa visão de currículo flexível e autónomo. É nesta perspetiva, também aqui assumida por nós, que Morgado e Tomaz (2009) preconizam a AC, destacando a “interligação de saberes oriundos de distintos campos de conhecimento com vista a facilitar a aquisição, por parte dos alunos, de um conhecimento global, integrador e integrado” (p. 3).

A articulação curricular na formação inicial de professores: a importância da integração interdisciplinar

A AC pode ser concretizada através de diferentes abordagens pedagógicas, o que, na perspectiva de Pombo (2005), dificulta a sua aplicação, em consequência dos variadíssimos conceitos a ela associados, nomeadamente multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Apesar do reconhecimento de diferenças entre os modelos, que se justificam, essencialmente, pelo maior ou menor grau de relação de conteúdos das variadas áreas disciplinares (Leite, 2012), não é nosso propósito aprofundá-las.

Neste sentido, revisitamos, de forma muito linear, alguns conceitos para podermos apresentar a perspectiva adotada no âmbito deste trabalho. Assim, a multidisciplinaridade implica a análise de um conteúdo, partindo do contributo de diferentes disciplinas, que trabalham de forma paralela. Um degrau acima, encontra-se a interdisciplinaridade, valorizadora da integração de matérias disciplinares que permitem olhar, de forma holística, para uma mesmo problema, pressupondo uma relação organizada (Santomé, 1998). O grau máximo da coordenação disciplinar encontra-se na transdisciplinaridade (Leite, 2012), que elimina a visão disciplinar.

Na perspectiva aqui apresentada, valoriza-se a integração interdisciplinar, na medida em que se propõe uma articulação entre duas unidades curriculares, através de atividades também elas integradoras, eficazes, do nosso ponto de vista, na concretização de aprendizagens significativas. Estas propostas integradoras

desencadeiam todo um percurso de actividades interligadas e articuladas, tanto vertical como horizontal e lateralmente, no sentido de procurar respostas adequadas, utilizando para isso os diferentes instrumentos conceptuais e metodológicos das áreas ou disciplinas e outros existentes no meio envolvente. (Alonso, 2001, p. 13)

Assim, a interdisciplinaridade permite uma compreensão mais profunda dos conteúdos em estudo, já que são interligadas diferentes disciplinas (Greef et al., 2017). No entanto, para além dos ganhos em termos de articulação, partilhamos a visão de Cavadas e Mestrinho (2019), que acreditam que as tarefas interdisciplinares contribuem para o incremento de saberes específicos disciplinares.